

Étienne Bonnot de Condillac: das sensações nasce o sistema de língua do homem

*Étienne Bonnot de Condillac: from the feeling
borns man's language system*

Sebastião Elias Milani*

Resumo: O tema deste artigo são as sensações e sua relação com o pensamento e o conhecimento na obra de Condillac, numa síntese historiográfico-linguística. Ele discorreu sobre as origens do Inatismo. De acordo com Condillac, afastando-se das ideias inatas, a ciência só pode se estabelecer a partir da racionalidade, que requer entender e aplicar como o pensamento funciona, ou seja, sempre em uma estrutura. Para isso são necessários princípios que se organizam piramidalmente num sistema: dos fatos gerais até os fatos constatados. Condillac separou sensações e sentidos: os sentidos seriam a causa. Ele está obviamente falando dos órgãos do corpo humano. As sensações são os estímulos psíquicos que os sentidos captam da natureza e das coisas. Para ele, não existe outro modo de se adquirir conhecimento, o ser humano aprende tudo o que sabe ou poderia saber através das sensações que os sentidos transmitem ao pensamento. Não há conhecimento que não proceda do exterior para o interior do ser humano, logo é pelas experiências sociais que se adquire toda a informação.

Palavras-chave: Sistema. Sensações. Sentidos. Língua. Linguagem.

* Universidade Federal de Goiás.

Abstract: *The theme of this paper is the sensations and its relationship with thought and knowledge in the work of Condillac, a linguistic historiographical synthesis. He talked about the origins of innateness. According to Condillac, moving away from the innate ideas, science could established itself from rationality, which requires understanding and applying how thought works, i.e., always in a structure. This requires principles that are organized in a pyramid system: the general facts to the observed facts. Condillac separated feelings and senses: the senses would be the cause. He is obviously speaking of the human body organs. Sensations are psychic stimuli that capture the senses of nature and things. For him, there is no other way of acquiring knowledge, humans learn everything they know or could know through the sensations that the senses convey the thought. There is no knowledge that does not proceed from the outside to the inside of the human being; so it is the social experiences that get all the information.*

Keywords: *System. Sensations. Directions. Language. Language.*

Introdução

“só os fatos bem constatados podem ser os verdadeiros
princípios das ciências”

Condillac nasceu em 1715 e morreu em 1780, passou a vida inteira durante o período chamado de Iluminismo e foi amigo dos líderes desse movimento. Estudou para ser Padre no Seminário de Paris, e Teologia na Sorbonne. Este artigo trata das obras *Tratado dos sistemas* e *Tratado das sensações*, publicados em 1749 e 1754 respectivamente. Tem por objetivo mostrar a contribuição de Condillac para os estudos da linguagem. Não se pode deixar de ver a íntima relação desses tratados com o diálogo *Teeteto* de Platão e o *Ensaio sobre o entendimento* de John Locke. No *Tratado dos sistemas*, Condillac conduziu sua pesquisa sobre o conhecimento e as sensações através das leituras dos Clássicos, Platão e Aristóteles, atribuindo a Locke uma importância extraordinária no entendimento da razão e do modo como o homem concebe as ideias.

O conhecimento é uma instituição social que os indivíduos aprendem, conforme sua faculdade dos sentidos os faz entrar em contato com os estímulos que podem internalizar. Não há sistemas inatos no homem, isso é o que se depreende dos *tratados* de Condillac. Tudo que existe na ciência deve ser construído ou deduzido através da razão. Todos os sistemas estão prontos

na natureza, basta que os seres humanos procurem de um deles para encontrá-lo. Quando um sistema é deduzido por um ser humano, todos os outros, que não o viam, passam a vê-lo. Os sistemas são feitos de princípios bem constatados pela ciência, quando um conjunto de princípios é elaborado e integrado, forma um sistema.

Em Condillac, inato no homem somente existe o corpo físico. Desse modo, do conjunto que se organiza através da linguagem, somente as sensações são do indivíduo, todo o resto, inclusive a análise das sensações, que é feita pela memória, é produto dos valores adquiridos. Os sistemas da natureza, diferente da ideia de John Locke, dependem da racionalidade e dos elementos externos para serem adquiridos, porque dependem do conhecimento adquirido e guardado na memória, para interpretação da nova sensação. O ser humano está composto de corpo físico com uma alma. O corpo possui os sentidos e a alma as sensações. A alma sente as sensações pelos sentidos, principalmente o tato, e forma a memória das sensações.

Neste artigo se tenta sintetizar, dos pensamentos de Condillac, que os sentidos são faculdades do corpo e podem faltar, mas, do mesmo modo, as sensações são capacidades da alma e não podem faltar, então, poderiam ser ditas capacidades do corpo. Em Condillac, os sentidos são comuns a todos, mas os conhecimentos não são, parece nessa frase que Condillac dividiu os sentidos e as sensações e que existe uma diferenciação entre os indivíduos, que se pode atribuir às particularidades das sensações ou da alma em cada um. Então, em suas essências: corpo físico com uma alma, todos os seres humanos são iguais, mas, na superfície, na competência e na atuação do corpo e da alma, cada um se particulariza em conhecimentos adquiridos diferentes.

O ser humano teria se tornado dependente da língua, por isso não consegue perceber e nem utilizar outros mecanismos de comunicação. Essa afirmação de Condillac (1986, p. 101) leva a pensar em como o ser humano interpreta o mundo. Se a língua é uma estrutura, nesse caso, produzida pelo homem, nunca inata, significaria que a interpretação de todos os sistemas como estrutura seria também um vício, portanto, pode-se pensar que poderia não ser verdadeiro que o universo seja infinito e que tudo está sustentado por

algo ainda maior. Também é interessante pensar em como a estrutura da língua se tornara um fato. De todo modo que se pensa, o ser humano é viciado na língua e mesmo quando projeta outros mecanismos de comunicação sempre o faz na forma de uma estrutura. Nesse jogo, a linguagem é puro sentimento, porque é uma estrutura formada das sensações, e novas sensações são sempre interpretadas pela memória das sensações anteriores.

O indivíduo possui o conhecimento que armazenou na memória na forma de língua, porém, as sensações físicas é que criaram essa memória. Diferente de Locke, Condillac não atribui à reflexão o poder de criar conhecimento, porque ela não é um fato inato no homem, mas criado pela racionalidade das experiências memorizadas. Sendo a língua a materialização das sensações, portanto, a memória das sensações, e sendo o conhecimento as experiências sentidas e memorizadas, a racionalidade dos seres humanos é dominada pela relação das sensações com as experiências memorizadas, logo, a língua materializada é puro sentimento do modo social de sentir. Inevitável pensar em paixão, como demonstrou Platão e analisou Aristóteles, o homem é dominado por suas paixões.

Sistemas e o pensamento

No *Tratado dos sistemas* (1986), Condillac conduziu sua pesquisa sobre o conhecimento e as sensações através das leituras dos Clássicos, Platão e Aristóteles, e do também Iluminista, John Locke, atribuindo a Locke uma importância extraordinária no entendimento da razão e do modo de o homem conceber as ideias. Discorreu sobre as origens do Inatismo, colocando-se como desconhecedor de suas origens, apesar de citar os cartesianos e de evidentemente ter lido Platão, as duas fontes dos conceitos das ideias inatas a se considerar. Assim, de acordo com Condillac, afastando-se das ideias inatas a ciência só pode se estabelecer a partir da racionalidade, que requer entender e aplicar como o pensamento funciona, ou seja, sempre em uma estrutura, para isso são necessários princípios que se organizam piramidalmente num sistema: dos fatos gerais até os fatos constatados.

Condillac afirmou que (1986, p. 03) “um sistema não é outra coisa que a disposição das diferentes partes de uma arte ou de uma ciência numa ordem

onde elas se sustentam todas mutuamente, e onde as últimas se explicam pelas primeiras”. Está muito clara a ideia de ser o sistema algo estruturado, mas, acima de tudo, que os sistemas são leis incontestáveis, algo absoluto, retirados da forma de ser da natureza, não sendo nunca criação, mas leitura a partir da observação. Na mesma página, Condillac escreveu “o sistema é tão mais perfeito quanto os princípios o são no menor número”. Então os sistemas se constituem de uma série de camadas de princípios, dos mais gerais até os fatos constatados, enquanto não se alcançar a constatação dos elementos básicos, não se alcançou a verdadeira constituição do sistema. Para se chegar à descrição do que seria sistema, pode-se dizer que toda vez que se elabora um conjunto de princípios integrados, forma-se um sistema.

No *Curso de Linguística Geral* [1916] (1995), os alunos de Saussure reproduziram a fala do professor, que leva a crer que ele tinha conhecimento das conclusões do século XVIII sobre o sistema humano de construir todas as coisas: (SAUSSURE, 1995, p. 23) “a língua constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, igualmente psíquicas”. Saussure disse (1995, p. 18): “a faculdade de constituir uma língua: um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas”. Em Locke, as palavras correspondem a ideias gerais, sempre atualizadas e particularizadas na fala, havendo, assim, uma provável correlação entre *palavra* para Locke e *signo* para Saussure, nos dois casos objetivava-se explicar a constituição da estrutura. Para completar, amarra-se em Condillac a visão sobre sistema de Saussure, que disse: (1995, p. 16) “a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado”.

Na classificação de Saussure, sistema estabelecido corresponde à língua e evolução corresponde ao processo/fala. Segundo Humboldt [1835] (1990), reconhecido como continuador das ideias de Condillac, a língua corresponde a um princípio de regularidade e opressão, ela obriga os falantes a permanecerem fieis às ideias e aos fatos comuns à nação, e o processo equivale à libertação, o indivíduo empreende uma luta contra os limites que os recursos, adquiridos da língua, lhe impõem. A língua corresponde ao espírito nacional em Humboldt e em Saussure à sociedade/cultura, enquanto o

processo para Humboldt é a fala do indivíduo, para Saussure é a fala do sujeito. Em ambos, e também em Condillac, o sistema está posto como uma estrutura de fatos constatados, em Condillac o conhecimento se atualiza sempre por meio de sensações novas que encontram ecos em experiências ou sensações transformadas em memória. Em todos os linguistas, a língua, enquanto forma em uso, é constantemente atualizada pelos indivíduos a cada ato de fala.

“Os sistemas são antigos: a natureza ordena fazê-los” (CONDILLAC, 1986, p. 5). Nessa citação, pode ser observada a ideia de Condillac quanto à origem dos sistemas: eles estão dados pela natureza. De fato, parece ser infinita a quantidade de sistemas possíveis, os seres humanos não os notam facilmente, são necessárias necessidades específicas para fazê-los emergir: (CONDILLAC, 1986, p. 5) “os homens observavam, isto é, notavam os fatos relativos às suas necessidades”. Os sistemas ditos verdadeiros são aqueles que estão fundamentados em princípios bem constatados, esses seriam aqueles das ciências, logo, seriam os verdadeiros sistemas. Condillac aprofundou a aplicação da razão na ciência, afastou qualquer princípio de inatismo e conseqüentemente de metafísica, asseverou a racionalidade e conseqüentemente o físico e o humano. Classificou os sistemas segundo seu grau de verificação, deixando claro que a ciência não pode incluir princípios que sejam fatos refutáveis. Em suas palavras: (CONDILLAC, 1986, p. 5) “Chamarei sistemas abstratos aqueles que versam somente sobre princípios abstratos; e hipóteses aqueles que têm apenas suposições por fundamento”.

Obviamente Condillac não mencionou essa relação entre inatismo e metafísica, mas deixou subentendido, à medida que parece ter ele e também os outros iluministas essa relação ideada. Desconsiderou a metafísica como ciência das primeiras verdades, dos primeiros princípios das coisas, desse modo, como está dito várias vezes em seu texto, comunga com Locke quanto à impossibilidade da existência de princípios inatos. Então os sistemas são todos da ordem da racionalidade, mas estão dados pela natureza, assim depende-se da racionalidade para depreender os princípios verdadeiros dos sistemas.

[...] tomemos por princípios senão fatos bem constatados, os teríamos em maior número do que pensamos; mas pela falta de hábito de seguir esse procedimento

ignoramos a maneira de aplicá-los”... “a (força da) gravidade dos corpos foi durante todo tempo um fato bem constatado e só em nossos dias é que foi reconhecida como um princípio. (CONDILLAC, 1986, p. 5).

Pensamento, sensações, reflexões e ideias

Condillac separou sensações e sentidos: os sentidos seriam a causa. Ele está se referindo aos órgãos do corpo humano, e as sensações são os estímulos psíquicos que os sentidos captam da natureza e das coisas. Para ele, não existe outro modo de se adquirir conhecimento, o ser humano aprende tudo o que sabe ou poderia saber através das sensações que os sentidos transmitem ao pensamento. Assim sendo, não há conhecimento que não proceda do exterior para o interior do ser humano, é pelas experiências sociais que se adquire toda a informação. Então, o conhecimento é uma instituição social que os indivíduos aprendem, conforme sua faculdade dos sentidos os faz entrar em contato com os estímulos que podem internalizar.

Condillac associou seus conceitos sobre os sentidos, as sensações e o conhecimento a Aristóteles, mas se torna muito difícil separar suas noções daquelas presentes nos Diálogos de Platão, mais especificamente, no *Teeteto*. Evidentemente, quando ele disse: (1986, p. 45) “segundo Aristóteles, que nossos conhecimentos vêm dos sentidos”, está fazendo referência ao ensaio sobre a *Retórica*. De fato, diferente de Platão, Aristóteles reconhece a ação física dos sentidos e a implicação que o sentido, em relação ao estímulo, tem para o pensamento. Ele já havia compreendido a relação que a língua tem com o pensamento, enquanto no *Teeteto* e no *Crátilo* há apenas a exploração da relação dos estímulos com o conhecimento e o pensamento, sem explicitar o papel inalienável da língua como intermediária.

Há uma dificuldade em saber se Condillac, quando escreveu o *Tratado das sensações* [1754], estava lendo Platão ou Aristóteles. Com certeza, tinha lido os dois, isso fica expresso num trecho do resumo: (1986, p. 46) “ignoro qual foi o motivo de Aristóteles quando enunciou seu princípio sobre a origem dos nossos conhecimentos [...] em tudo ser contrário às opiniões de Platão”. A partir disso, duas ideias são bastante plausíveis: Condillac indica que a fonte provável de Aristóteles era Platão. Como, na interpretação de Condillac,

Aristóteles sempre se posicionava contra Platão, e na *Retórica* e também no *Ensaio sobre as paixões*, de fato, defendeu conceitos que não são diferentes de Platão, Condillac disse desconhecer a fonte de Aristóteles, na verdade, é ele que interpreta que Aristóteles fosse contrário a Platão. Embora haja em Condillac dúvidas quanto a certas origens dos conceitos, ele afirma textualmente que havia muito tempo, desde a Grécia Antiga, que se dizia que os conhecimentos de todos os seres humanos originavam dos sentidos. Enfim, ele tem duas fontes citadas em seu texto: Aristóteles e Locke. Entre os dois, um do século III a.C. e o outro do XVIII d.C., disse não havia ninguém que tivesse falado sobre o assunto “conhecimento”, que merecesse consideração.

Segundo Condillac, teria sido Locke que notara pela primeira vez que a privação de um objeto gerava uma carência que aguçava a determinação dos seres humanos na busca da satisfação dessa privação. No entanto, teria sido Aristóteles o primeiro a discutir as paixões dos seres humanos e o modo como elas se desdobram a partir da privação de algo. Minimizando esses entraves de demonstração das fontes, Condillac chega a uma importante conclusão: (p. 47) é “essa inquietude que dá aos indivíduos os hábitos de tatear, ver, escutar, sentir, degustar, comparar, julgar, refletir, temer, desejar, amar, odiar, esperar, querer; que seria por ela (inquietude) que nasceriam todos os hábitos da alma e do corpo”. Então a inquietude da privação de um objeto gera uma carência, que se repete conforme as circunstâncias; desse movimento, a carência se desdobra em carências novas, tudo isso aguça as faculdades intelectuais humanas e é a origem de todo o conhecimento.

Segundo Condillac, das sensações nascem todo o sistema humano. Se (p. 4) “o sistema é a disposição das diferentes partes de uma arte ou de uma ciência numa ordem onde elas se sustentam todas mutuamente, e onde as últimas se explicam pelas primeiras, então as sensações são seu princípio mais básico e importante”. Desse modo, o sistema humano de produção de conhecimento ficou reduzido a um único princípio. Deve-se ressaltar que Condillac, valendo-se das leituras dos textos de Locke, afirma peremptoriamente que mais perfeito seria o sistema quanto menor for o número de princípios, que o ideal que fosse reduzido a um só. Em Locke, as ideias veem dos sentidos, que captam as sensações, e das reflexões. Em

Condillac, todo o conhecimento humano origina-se nos sentidos das sensações. São as sensações que alimentam o pensamento.

A grande questão que parece ter movimentado as pesquisas de Condillac está na seguinte afirmação: (p. 45) “que não se pode saber uma maneira segura de conduzir constantemente os pensamentos, se não se sabe como são formados”. Em seu tempo, auge do Iluminismo, as questões metafísicas estavam em plena discussão entre os intelectuais, mas nenhum deles acreditava que os processos de manifestação do conhecimento não fossem linguísticos e que no mundo em que viviam existisse algo além da materialidade. Desse modo, a metafísica não era mais naquele tempo assunto de religioso, mas sim de cientistas, por isso o pensamento era físico e humano.

Condillac explicou o processo de pensar a partir da relação que os indivíduos têm com a realidade. Ele afirma que o ser humano era somente um animal que sentia, ou seja, o que predomina na existência humana são as paixões e as dores. Esse conceito perduraria ainda entre os gramáticos comparatistas, quanto mais físico em detrimento do metafísico fosse a concepção de mundo, mais consciência de sua condição de animal os indivíduos teriam. Sendo somente um animal, um ser de sentimentos, é através deles que se repara nas coisas e nas situações, uma vez que as sensações produziram o efeito de chamar a atenção do espírito. Essa sensação, como afirma Condillac, torna-se atenção, então, (p. 49) “uma sensação é atenção, seja porque ela está sozinha, seja porque ela é mais viva que todas as outras”. Notável é a capacidade dos seres humanos de selecionar entre todos os sentidos, sempre em funcionamento, aquele que merece mais atenção naquele momento, certamente porque está produzindo e transmitindo a informação mais interessante para o pensamento ou para os sentimentos daquele indivíduo.

Os sentimentos derivados das sensações fazem o pensamento funcionar, ora tentando encontrar a compreensão daquilo que é sensação ora atualizando aquela sensação com o conhecimento anterior registrado na memória. Então, a memória não pode ser outra coisa que o conjunto das sensações que foram registradas. Ela é as sensações experimentadas e transformadas em experiências vividas. As sensações produzem sentimento de

prazer ou de sofrimento. O sentimento faz com que toda a atenção do pensamento se dirija para aquela sensação. Essa atenção se consolida em palavras no pensamento e vira memória ou conhecimento. Por essa memória e pelos sentimentos atualizados pelas sensações, os seres humanos realizam o julgamento da realidade e constroem o juízo. Em perfeita simbiose com Aristóteles, Condillac descreve o processo passional dos seres humanos, é do desejo, da procura do objeto valor, como afirmou Greimas (1966), que nascem as paixões, o amor, o ódio, a esperança, o medo, a vontade. Ao contrário do que afirmara Locke, Condillac expressou claramente que não acreditava em inatismo para a reflexão e o discernimento. Como afirmou, não é uma coisa inata (p. 52), mas “se aperfeiçoa. Logo, se pode ser aperfeiçoado, um dia ele teve de ser iniciado”.

Entre os comparatistas, a educação é o único modo de aperfeiçoamento do discernimento, e a defesa do ensino formal para o povo era o único modo de aperfeiçoar a sociedade. Isso eram frutos do Iluminismo, em que sempre se defendera o desenvolvimento intelectual do povo. Isso é o que se depreende em Condillac, ele afirma que um indivíduo com sentidos treinados percebe muito mais detalhes nas sensações que um não treinado. O exemplo que ele analisou foi a visão de um quadro, (1986, p. 52) “um pintor discerniria nesse quadro mais coisas do que alguém leigo, porque seus olhos seriam mais instruídos”. Então se pode pensar que o treinamento leve ao aperfeiçoamento da capacidade de interpretar sensações. De fato, pode-se dizer que o treinamento nada mais é do que prover o pensamento de memórias ou conhecimento, para que, em situação de uma nova sensação, ele, pensamento, consiga separar o que seja novo como sentimento, do que seja repetição. Assim, diminuindo o impacto do que é novo, ou da quantidade de novidades, o pensamento será capaz de prover uma reação menos emotiva e acidental e mais racional e equilibrada. Condillac expressou essa ideia na frase (1986, p. 52) “não (se) discerne senão na medida em que (se) aprende a olhar”.

Segundo Condillac, (1986, p. 48) “Locke distingue duas fontes de nossas ideias, os sentidos e a reflexão”. Os sentidos são os órgãos captadores das sensações, que são as fontes primárias de todas as ideias. De posse dessas

ideias, o pensamento pode se conduzir, pela reflexão, a ideias outras, mais complexas inclusive. Esse é o pensamento de Locke, no *Ensaio sobre o entendimento*. Condillac não se colocou em completa discordância de Locke, mas disse que se poderia reduzir a fonte das ideias a uma, que seriam os sentidos. A reflexão é de fato a constatação da sensação. Esta última sim é a fonte e o canal de onde emanam todas as ideias. Para Condillac, a reflexão é de fato uma prática, um hábito, que Locke teria tomado como algo inato, por isso teria dito que a reflexão também produz ideias. Claro está que Condillac tinha uma visão mais condensada da ideia de inatismo, talvez retirada da leitura de Locke. Portanto, como a reflexão não é inata no ser humano, não pode ser fonte de ideias, os sentidos sim, porque são partes do corpo humano, logo, inatos.

As sensações apresentam-se ao pensamento todo o tempo, é que os sentidos estão sempre abertos, antenas que captam o que acontece e existe entorno do ser vivente. Esse é o estado do animal, como um ser do reino animal, o ser humano também está submetido a essas condições. Porém, pelo uso da experiência, que pode ser associada à memória e à inteligência, que Condillac chamou de espírito, uma referência a Aristóteles, afasta as sensações que geram distorção e ressalta aquela que traz a verdadeira informação.

O indivíduo tem assim duas sensações, uma que já tinha e outra que está tendo, isso ocorre porque uma parece passada e a outra atual. As duas juntas formam as sensações, uma atua nos sentidos e a outra tem a forma de memória. Isso é quase um jogo, porque a sensação somente acontece quando o estímulo atual encontra uma sensação que já existia. Segundo Condillac, (p. 49) “a memória não é, pois, mais do que a sensação transformada”. Assim, todas as ideias resultam das sensações, porque, diferente do que apontou Locke, a reflexão, memória para Condillac, atua como experiência *a priori*, o que permite o desenvolvimento do conhecimento. Humboldt (1835) explicou que qualquer nova informação, para se efetivar como conhecimento, deve partir de um conhecimento já existente, porque o que é absolutamente novo não pode ser compreendido e nem assimilado. Fiorin (2002) chamou esse jogo de sensações de *lei da exaustividade*, a informação deve ser dosada na

medida do conhecimento que o outro já possui daquele objeto, ou as sensações se amontoarão e a compreensão não se efetivará.

Para sintetizar a estruturação do sistema que Condillac propôs, as sensações devem ser colocadas em primeiro lugar, depois de ascenderem ao status de atenção, passam por processos de comparação e também de julgamento, por fim se tornam a reflexão. A memória e o juízo são formados na relação com as coisas do mundo, na medida em que elas causam prazer ou sofrimento. A ausência de algo faz com que o indivíduo coloque sua atenção sobre essa sensação, que ocupa sua capacidade de sentir. As paixões nascem desses desejos, na verdade as paixões como amor, ódio, esperança, medo, vontade, são sensações que foram transformadas em memória. Condillac disse: (p. 51) “A memória nos lembra o objeto que acreditamos poder contribuir para a nossa felicidade, e nesse instante a ação de todas as nossas faculdades se determina em direção a esse objeto”. Deve-se ter claro que a ausência, contida na memória, não é paixão de prazer ou de sofrimento, enquanto não acontecer uma sensação que estimule uma sensação anterior. Portanto, é pela atualização das sensações que se entra em conjunção ou disjunção com o objeto valor dos desejos e a memória de prazer ou sofrimento.

Todos os conhecimentos do indivíduo são provenientes dos sentidos. “O discernimento não é uma coisa inata”, segundo Condillac (1986, p. 52), não sendo inato, somente existe se for adquirido, ou seja, aprendido. Então, pode-se prever um processo que tem um começo e que, de fato, enquanto houver vida, nunca termina, logo, está sempre em aperfeiçoamento. O discernimento é um processo que acontece por meio de exercícios. Exercitar o discernimento significa exercitar os sentidos, fazê-los capazes de retirar as sensações mais precisas, significa aprender a olhar, a ouvir, a sentir o mundo que se coloca envolta dos sentidos. Então, não basta estar vendo uma figura para compreendê-la, não basta ouvir sons para compreendê-los, é preciso que essas sensações encontrem experiências memorizadas, que sejam ajustadas a essas memórias e transformadas pelo juízo em novas memórias ou conhecimentos.

A língua e as sensações

No tratado sobre a *Lógica*, na primeira parte (p.65), Condillac separa as sensações e os sentidos, tanto quanto separa a alma do corpo. De fato, para ele o corpo e a alma são inatos no ser humano, formam uma mesma coisa. Do modo como ele disse: os sentidos são as primeiras faculdades que o ser humano nota que possui, e a alma sente as sensações pelos sentidos. Disse também que em sendo privado da visão não se pode conhecer a luz. Em se pensando que as sensações pertencem à alma e que os sentidos pertencem ao corpo, que elas não podem faltar, porque assim não se seria um ser humano, logo, a alma e as sensações não seriam faculdades, mas sim capacidades. Os sentidos, entretanto, como parte do corpo animal podem faltar. Pode-se dizer que eles podem ser substituídos. Assim sendo, as sensações formam a capacidade de linguagem, sensações e linguagem pertencem à alma, inatas ao corpo com alma e espírito. Por sua vez, a língua, estrutura construída através das sensações, pertence ao sentido que a constrói e, tal e qual a ele, quando ele faltar, ela também faltará. Então, o corpo, a língua e os sentidos são faculdades dos seres humanos vivos, porque podem faltar, e a alma, a linguagem e as sensações são capacidades do espírito não podem faltar à condição de seres humanos.

Na segunda parte do tratado sobre a *Lógica*, Condillac relaciona a arte de pensar a uma língua bem feita. Considerou a parte anterior de seu texto, em que explicou a geração das ideias, afirmou que o único método para alcançar essa compreensão de algo era pela análise. Propôs que se estudassem os meios pelos quais a análise fosse possível. A concepção é a de que os conhecimentos formam um sistema, retirado da natureza, que ensina o ser humano a pensar. Então, quanto mais atentos os indivíduos estiverem às condições da natureza, tanto mais será capaz de perceber os sistemas que regulam a existência de tudo. Todas as necessidades dos seres humanos e os meios de satisfazê-las estão ligados à sistematização dos órgãos do corpo e nas relações das coisas em relação a essa sistematização. O que se deseja e também o que se precisa, como necessidade interior, são exatamente os objetos que estão em volta. Pode-se dizer que ninguém precisa ou deseja algo que não exista a sua volta, mais exatamente que desconheça.

Há um sistema nisso, tudo que se aprendeu, mesmo não sendo muita coisa, apresenta uma ordem, aquela das necessidades que se teve e que foram resolvidas através da natureza. A ordem está dada pela ordem que as necessidades apareceram, tanto do ponto de vista do tempo como do espaço. Condillac associou essa ordem e o conhecimento dela, por ele e supostamente por qualquer outro ser humano, a um sistema que corresponderia àquele que o autor da natureza humana teria seguido quando constituíra cada ser humano. Então, tudo que se deseja e procura está perfeitamente dado na natureza, ninguém desejaria algo além dela. As palavras de Condillac são: (p. 100) “tudo está ligado tanto em um sistema quanto no outro. Meus órgãos, as sensações que experimento, os juízos que trago, a experiência que os confirma, ou que os corrige [...]”. Por essas afirmações, pode-se associar a existência da linguagem, como órgão, à constituição da língua, enquanto solução de necessidades. Desse modo que os pensadores da gramática comparada entendiam a língua como o meio criado para resolver a necessidade do indivíduo de se fazer compreender, ideia que foi exposta anteriormente em John Locke, no *Ensaio sobre o entendimento*.

De acordo com Condillac, raciocinar exclusivamente por meio de palavras seria um mau hábito. Logo, compreendia que o ser humano raciocina por meio de palavras, tal qual estava em Locke, sendo que em Locke o pensamento funciona por meio de ideias, as quais estão prontas nas palavras. Mas, as palavras, para Condillac, tornaram-se uma vicissitude para os seres humanos, e essa dependência é que impede que se raciocine sem o recurso delas: (1986, p. 101) “A arte de abusar das palavras foi para nós a arte de raciocinar, frívola, absurda, houve todos os vícios das imaginações desregradas”. Seria mais fácil raciocinar através da natureza, por si própria, esse mau hábito de raciocinar por aquilo que se costuma chamar de segunda natureza, ou substituta da natureza, que seriam as palavras, torna a arte de raciocinar muito difícil, seria como caminhar às cegas, porque essa segunda natureza é alterada e corrompida.

No capítulo II da *Lógica*, Condillac demonstrou como a linguagem permite a análise do pensamento. Tendo dito que os indivíduos usam as palavras sem determinar seus significados e sem ter a necessidade de

determiná-los, ou seja, poder fazer de maneira inconsequente, naquele capítulo mostra como corrigir esse mau hábito. Sua primeira afirmação é que somente se pode raciocinar por meio dos dados da natureza: (p. 103) “só podemos raciocinar pelos meios que nos são dados ou indicados pela natureza”. As palavras são absolutamente necessárias para formar ideias. Quando discutiu isso, ele apresentou conclusões muito próximas às propostas por Locke. Além disso, Condillac afirmou que os seres humanos somente pensam com ajuda das palavras, enfim, para ele, a arte de racionar começou com as línguas. Conclusão muito semelhante pode ser retirada dos estudos humboldtianos, a inteligência, o pensamento e a linguagem formam um conjunto inseparável e o raciocínio e a estrutura também.

Deve-se rediscutir a ideia de que os seres humanos são dependentes das palavras. Condillac remeteu essa discussão ao fato de que os seres humanos não têm o hábito de exercitar a metalinguagem, não se tem o hábito de refletir sobre os significados das palavras e o modo como elas são introduzidas no pensamento e como elas chegam a representar as ideias. Na gramática comparada e em toda modernidade, muito se defendeu o ensino de língua materna ao povo. Segundo Humboldt (1835), o povo que soubesse sua língua com profundidade seria superior a todos os outros. Por esse caminho, e também por outros, Condillac chegou a afirmar e a reafirmar a existência de uma linguagem inata e a negar veementemente a existência de ideias inatas. Como nesse trecho a seguir: (p. 104) “os elementos de uma linguagem qualquer, preparados antecipadamente, precedessem nossas ideias, porque, sem signos de qualquer espécie, nos seria impossível analisar nossos pensamentos”. Assim sendo, sem compreender o que se produziu como linguagem não é possível desenvolver o raciocínio, é preciso analisar as partes do próprio discurso para saber o que produziu como raciocínio.

A linguagem é puro sentimento. Esse conceito está presente nos Diálogos de Platão, em Aristóteles resultou na *Retórica das Paixões* e parece ser comum a todos os pensadores do iluminismo e da gramática comparada, pois aparece em Locke, no *Ensaio sobre o entendimento*, e em Humboldt, na obra *Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana*. Condillac escreveu no capítulo “Como, em seguida, a linguagem se torna um método

analítico ou língua” (p. 105) que “a necessidade de se ajudar mutuamente e de se comunicar e de compreender a si próprio fez com que a linguagem se tornasse métodos de análise, do mundo, dos outros e conseqüentemente de si mesmo”. Humboldt explicou que um falante somente consegue entender o que produziu como conteúdo de um discurso quando percebe esse discurso na fala de outro falante. Então, os homens decompõem as ações e notam que somente compreendem os outros quando analisam cada parte das ações deles, desse modo, sentirá necessidade de decompor as próprias ações para se comunicar mais bem.

O pensamento sente necessidade de decompor as ideias totais e as parciais. Quando decompuser suas ações e ideias parciais, que são signos, formará novas ideias. Esse método é o único que os seres humanos têm para analisar o pensamento, e não há limites para o desenvolvimento desse processo, podendo chegar aos mínimos detalhes. Como as ideias se assentam em signos, dados os primeiros de uma linguagem, o processo de análise deve ser levado adiante pela analogia. Quis dizer Condillac que todos os signos de uma língua seguem os mesmos processos de formação, é por analogia que o conjunto dos signos é ampliado, arrastado pelas mesmas regras e as mesmas necessidades: (p. 105) “sendo dados os primeiros signos de uma linguagem, só nos resta consultar a analogia e ela fornecerá todos os outros”.

A analogia é sem dúvida nenhuma a fórmula de maior vivacidade na constituição dos signos, quanto mais atuante e mais precisa for a relação analógica entre eles, mais bem representarão as ideias. Não haveria conceito que a língua, *linguagem de ação* para Condillac, não pudesse representar, quando o princípio da analogia estiver claro. A analogia torna os signos um sistema de representação, de tal forma que todos estão diretamente relacionados a muitos outros, tendo dentro de sua constituição, algo que fora sugerido por elementos internos e externos a língua. Segundo Condillac, (p. 106) “signos absolutamente arbitrários não serão entendidos”. Pode-se dizer que signos absolutamente arbitrários não se materializam, porque todos os signos materializados na fala são sempre relativos a outros signos presentes na mesma fala ou em falas anteriormente executadas. Logo, todo signo somente seria compreendido quando estivesse relacionado por analogia, ou ao

interior do próprio sistema da língua, ou no interior de ideias previamente e analogicamente relacionadas.

É a analogia que faz todo o artifício das línguas (p. 106). Isso significaria que existe um sistema que antecede a manifestação em língua de qualquer forma de linguagem. Nos dizeres de Condillac, há uma língua inata, ainda que não haja ideias que o sejam (p. 106). Nos dizeres de Saussure, o ser humano tem inata a capacidade de aprender uma língua. O que seria inato, nessa conceituação, é sempre aquilo que está dado no organismo físico humano. Em Locke, é a capacidade de linguagem. Nos três é aquilo que não pode ser aprendido, porque a língua falada é sempre conhecimento retirado das sensações. Não há como não associar esses conceitos ou esse conceito à ideia de estrutura ontológica do pensamento, seria o valor interno da inteligência natural que faz com que o mundo materializado seja sempre organizado do mesmo modo, nem é possível saber se ele de fato é uma estrutura, porque o pensamento sempre o fará ser assim. Condillac demonstrou sua concepção: (p. 106) “a linguagem que denomino inata é uma linguagem que não aprendemos, porque é o efeito natural e imediato de toda a nossa conformação”.

Quando se considera a proposição de sistema de analogias de Condillac, percebe-se que toda ordem de estruturação de linguagem é de fato uma análise. Então todo signo é uma análise de muitos outros signos, tanto é que se pode usar um para explicar outros. Assim sendo, a linguagem sempre resulta em um método analítico, porque é sempre feita por signos, de valor analógico e simbólico. As línguas são sempre estruturas composta por signos, portanto elas são sempre métodos de análise, são uma visão simbólica e semissimbólica do mundo de seus falantes. Semissimbólicas porque elas representam na realidade do falante algo de material, o signo não é um substituto, é de fato a própria materialidade do mundo. Simbólica porque permitem a referencialidade e é sempre materialidade analógica com outras realidades não referenciadas. Logo, como disse Condillac, (p. 107) “a análise não se faz e não se pode fazer a não ser com signos”, ou seja, sem o recurso dos métodos analíticos (as línguas) não haveria como analisar os

pensamentos, não existindo a análise de pensamento não haveria raciocínio e conseqüentemente nem conhecimento.

Conclusão

O principal elemento do método de Condillac consiste em considerar a inexistência de princípios inatos, o que o faz diferente de suas fontes, Locke, Platão, Aristóteles e Descartes. Sobretudo Locke combatia princípios inatos, mas supunha a existência de inteligência e capacidade linguagem inatas. Condillac afastou toda e qualquer possibilidade de inatismo, tudo na existência do ser humano era de origem da natureza, retirado dela por meio da análise. Assim sendo, os seres humanos somente nascem com seu corpo orgânico e tudo o que for conhecimento é derivado da relação dos indivíduos com a natureza por meio de seus sentidos. As sensações que os sentidos retiram da natureza se transformam em memória e conhecimento, cada nova sensação é uma nova experiência que se soma ao conjunto da memória, ampliando o conhecimento.

O pensamento é o processo pelo qual o indivíduo administra a análise das sensações, sendo ele passível de análise e o modo de desenvolvimento do conhecimento, porque é integrado pelas faculdades do entendimento e das vontades. Pensar é estar em contato com todas as relações que o indivíduo tem com tudo que o cerca: emoções, atenção, paixão, julgamento, imaginação, reflexão, raciocínio, desejo, esperança, medo etc. Logo, o ser humano, quando pensa, coloca em jogo sua individualidade como ser, tudo que ele é, psíquica e fisicamente, se coloca em presença num mesmo instante, a cada instante de pensamento, sendo seu pensamento, como qualquer uma de suas práticas sociais, marcado por sua individualidade físico-inata e social-adquirida.

A língua realiza a manifestação do pensamento, é um sistema que provém ao pensamento recursos para executar suas tarefas. O pensamento poderia funcionar sem a língua, mas a facilidade que ela oferece, faz dele um usuário cativo de seus recursos. O pensamento funciona por meio de uma estrutura, requer a sistematização para bem existir, a língua como sistema e estrutura oferece ao pensamento tudo o que ele precisa, por isso tornar-se dependente e corrompido por ela. Como manifestação da linguagem e do

pensamento, a língua também é puro sentimento, na medida em que as palavras são filtradas e analisadas pelos sentimentos subjetivos. Ela sempre é um novo começo e uma continuação do que já existe, o processo de atualização do passado em presente nas línguas se faz pela analogia. O pensamento que esteja anteriormente materializado em signo age como estruturador da nova sensação. O novo sentimento encontra explicação em sentimentos memorizados e conhecidos. Logo, língua e pensamento são um único elemento pleno dos sentimentos do indivíduo.

Referências

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1978.

ARNAULD E LANCELOT. *Gramática de Port-Royal*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BAKHTIM, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo : Hucitec, 1986.

BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale I et II*. Paris: Gallimard, 1974.

CONDILLAC. É. B. de. Textos escolhidos. *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1986.

GREIMAS, A. Julien. *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix, 1971.

HJELMSLEV, Louis T. *Prolegômenos*. São Paulo: Cultrix, 2003.

HUMBOLDT; Wilhelm von. *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Barcelona: Anthropos, 1990. Trad. de Ana Agud.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Civitá, 1983.

LOCKE, J. Ensaio sobre o entendimento. *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1986.

PLATÃO. *Diálogos: Teeteto – Crátilo*. Belém: UFPA, 1973.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1971.

SCHLEICHER, Friedrich. *Les langues de l'Europe moderne*. Paris: Garnier, 1852.

WHITNEY, William D. *The life and growth of language*. New York: Appleton, 1892.